



Escritas Migrantes e Escritas Refugiadas como formação e identidade de mulheres na diáspora

*Migrant Writings and Refugee Writings as formation
and identity of women in the diaspora*

ROSANE PEREIRA MARQUES ^a

Resumo

O presente artigo é oriundo de uma pesquisa em andamento e tem como objetivo uma reflexão inicial acerca da produção de conhecimento relacionada à disciplina Estudos Avançados em História da Educação II. A disciplina citada foi cursada no primeiro semestre de 2021, no programa de doutorado de Educação, na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Ao realizar a reflexão, almeja-se relacionar ao tema de pesquisa da tese de doutorado, titulada como Escrita Migrante e a Escrita Refugiada como Formação e Identidade de Mulheres na Diáspora. Essa análise visa compreender o desenvolvimento da escrita, investigando a contribuição desta na história da educação, em uma perspectiva macro e micro. Desta forma, busca-se entender a visibilidade e as contribuições destas escritas potentes no contexto da educação, sobretudo em situações de vulnerabilidade e também as questões que perpassam gênero e xenofobia, além da importância da educação para mulheres e meninas, que ocorre paralelamente à feminização da migração e do refúgio. Como metodologia, foi realizada a revisão de literatura acerca da trajetória da migração de três escritoras africanas: as nigerianas Buchi Emecheta e Chimamanda Ngozi Adichie; e a ruandesa Scolastique Mukasonga.

Palavras-chave: Gênero. Literatura. Migração. Refúgio.

^a Mestre em Políticas Públicas e Direitos Humanos pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. e-mail: rosanepereiramarques@yahoo.com.br
Rev. Caminhos da Educação: diálogos, culturas e diversidades, Teresina, v. 3, n. 2, p. 20-30, Mai./Ago. 2021

Abstract

The present article comes from an ongoing research and aims at an initial reflection about the production of knowledge related to the subject Estudos Avançados em História da Educação II. The course was taken in the first semester of 2021, in the doctoral program of Education at the Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). In making this reflection, we aim to relate it to the research theme of the doctoral thesis, entitled Escrita Migrante e a Escrita Refugiada como Formação e Identidade de Mulheres na Diáspora. This analysis aims to understand the development of writing, investigating its contribution in the history of education, in a macro and micro perspective. In this way, it seeks to understand the visibility and contributions of these powerful writings in the context of education, especially in situations of vulnerability and also the issues that permeate gender and xenophobia, as well as the importance of education for women and girls, which occurs parallel to the feminization of migration and refuge. As methodology, it was performed a literature review about the migration trajectory of three African writers: the Nigerian Buchi Emecheta and Chimamanda Ngozi Adichie; and the Rwandan Scolastique Mukasonga.

Keywords: Migration. Refuge. Gender. Literature.

INTRODUÇÃO

É importante compreender as diferenças entre migração e refúgio. O termo migração corresponde à questão da mobilidade espacial. Migrar é um processo de troca de região, estado, domicílio e de país. O indivíduo que se encontra no processo de migração pode ser um emigrante, que deixa o lugar de origem com destino a outro local, sendo, desta forma, um imigrante - o sujeito que chega um determinado lugar para viver. Fatores econômicos, políticos e culturais impulsionam as migrações.

Por outro lado, entende-se por refugiados aquelas pessoas cujos países, territórios e locais de moradas vêm sofrendo perseguições, provocadas por múltiplas

determinações, relacionadas à etnia, religião, nacionalidades, pertencimento a determinado grupo social, posicionamento político, dentre outros e, por estes motivos, são obrigadas a migrar para outros países atrás de refúgio. Por isso, ficam impedidas de retornar aos seus locais de origem, devido à grave violação dos direitos humanos em curso naqueles territórios. Os migrantes e refugiados, são subalternos e não tem direito a se expressarem. A situação do refúgio já é de extremo risco social, no caso de uma mulher negra e de origem africana ou latina, esta situação é gravada com um deslocamento forçado.

PERSPECTIVA TEÓRICA

A pesquisa tem como perspectiva teórica o conceito de interseccionalidade, que é o estudo da sobreposição ou intersecção de identidades sociais e sistemas, relacionados de opressão, dominação ou discriminação. Segundo Carla Akotirene (2019) "A interseccionalidade pode ajudar a enxergarmos as opressões e combatê-las, reconhecer que são dolorosas e que às vezes somos opressores."

Utilizando como metodologia neste trabalho o estudo bibliográfico, que abrange a revisão de artigos, livros, teses e dissertações sobre o tema. Já a pesquisa documental teve como fonte o levantamento de dados bibliográficos das escritoras selecionadas. As escritoras são as nigerianas Buchi Emechetae Chimamanda Ngozi Adichie, além da ruandesa Scholastique Mukasonga. A escolha dessas escritoras se dá, pois elas saem dos países de origem, em uma diáspora contemporânea, em busca de oportunidades de uma vida melhor, através da educação. Ao longo do tempo, começam a escrever sobre imigração, preconceito racial, desigualdade de gênero e genocídio. Ao trazerem este debate para literatura, com uma escrita que desenvolve estratégias e movimentos de resistência, favorecem o fortalecimento de mulheres em situação de migração ou refúgio.

AS ESCRITORAS

A escritora nigeriana, Florence Onyebuchi "Buchi" Emecheta, buscou na obra escrever sobre temas como a educação, a violência degradante do colonialismo e a cultura que deslegitima a autonomia. A escritora migrou para a Inglaterra, onde o companheiro ingressou na universidade. Aos 22 anos, Buchi consumou o divórcio, sem dinheiro, em país estranho, com cinco filhos. Manteve-se obstinada, trabalhou em lugares como a biblioteca de Londres, enquanto estudava a noite. Em 1974, estava graduada em Sociologia. A graduação e os pequenos trabalhos eram movidos desde o princípio pela vontade de escrever, aprimorar o inglês e a comunicação com resto do mundo. Novamente, Buchi migra para outro país, desta vez, os Estados Unidos, onde trabalha como assistente social. Segundo Buchi:

Existem milhões de mulheres africanas que nunca deixaram suas casas, nunca deixaram seus vilarejos: esposas em vilarejos continuam na escravidão. Quanto aos meus livros, eles podem ser positivos ou podem ser negativos. Mas acredito que se você cria uma heroína, seja africana ou europeia, com educação - não necessariamente com dinheiro, mas educação - ela ganha a confiança para poder lidar com o mundo moderno.

No caso de Scholastique Mukasango, que também é africana, de Ruanda, é uma escritora francófona e migrou para França, sobrevivendo ao genocídio dos tutsis, ocorrido nos 1990. Como Buchi, também trabalhou como assistente social. Segundo Musakango, a literatura salvou da loucura da perda e escrever é ato de mostrar as coisas trágicas e terríveis para uma parte que dorme achando que está tudo bem. As duas escritoras africanas migram em busca de formação educacional, sem esquece a identidade e as feridas coloniais. A escritora Buchi Emecheta, foi uma inspiração para Chimamanda. Atualmente, a questão escritas migrantes e refugiadas está sendo muito debatida no campo da psicologia e dos direitos humanos.

Segundo Milese e Marincinucci (2015, p. 67):

As migrações internacionais são um fenômeno complexo caracterizado pela crescente intensidade, pluricausidade e multiplicidade dos atores envolvidos. Entre estes atores envolvidos. As mulheres migrantes e refugiadas contribuem para o desenvolvimento humano denunciado com suas próprias vidas as falhas do projeto neoliberal de desenvolvimento, resistindo corajosamente, a fim de garantir condições dignas de vida para familiares e engajando-se em associação e grupos organizados a fim reivindicar direitos. Entretanto é importante sublinhar que, nem sempre, essas ações garantem a promoção da autonomia, dos direitos e da autorrealização das próprias mulheres, Como já referido, a denúncia, na maioria dos casos, se dá 'na cruz', tendo a repercussão pública e política apenas na presença de alguma 'caixa de ressonância'. A promoção do bem estar. Finalmente, a presença *protagônica* no espaço pública, emboar extremamente preciosa e em aumento, é ainda pouco difundida dependendo muito da solidariedade e apoio de grupos autóctones.

O CONCEITO DE GÊNERO DENTRO DA SITUAÇÃO DE REFÚGIO - FEMINIZAÇÃO DA MIGRAÇÃO.

O tema da tese é de fundamental importância nas últimas décadas, em especial a situação de mulheres migrantes e refugiadas, que tem despertado atenção das organizações internacionais, movimentos sociais e pesquisadores acadêmicos. Essa visibilidade da mulher na migração se caracteriza como a feminização da migração. A feminização da migração indica que a mulher passou a ter maior evidência nas dinâmicas migratórias. Miranda (2009, p. 24) descreve "a feminização da migração como resultado de uma recomposição do capital à escala mundial". A mulher sai do espaço privado e vai para o público, para o mercado de trabalho.

O enfoque no estudo de gênero em relação às teorias migratórias contribui para maior visibilidade e na elaboração de políticas sociais, voltadas para mulheres migrantes e refugiadas. É importante ressaltar que devem estar interligadas a outras categorias, como a etnia, classe social, religião e condição migratória. Uma mulher

refugiada ou migrante de pele branca é tratada de forma igual a uma refugiada ou migrante de pele negra?

Kosminsky (2007, p 786) insere a categoria gênero combinada com abordagens das questões étnicas e culturais assinalando que "na década de 1990, os temas família e gênero foram incorporados aos estudos migratórios e isso provocou importantes rupturas onde a variável gênero contribui para as mudanças do lugar social da mulher nas pesquisas migratórias." Ela começa a ser deslocada das margens periféricas para o centro de pesquisas.

Assis aponta que: "Traçaram um quadro da inserção das mulheres de diferentes origens étnicas e nacionais em diferentes contextos e situações, sugerindo um olhar, mas crítico e atento, para feminizações das migrações internacionais e todas as suas consequências sociais, culturais e políticas." (ASSIS, 2007, p. 697).

No mundo todo, as desigualdades de gênero são uma das violações mais persistentes dos direitos humanos. A discriminação contra as mulheres e meninas é causa e consequência do deslocamento forçado e da apátrida. Ao discutir o conceito de gênero, é fundamental traçar uma relação com categorias como classe, raça, etnia e geração. A questão de gênero está interligada nas diversas expressões.

É importante ressaltar que não há hierarquização entre as opressões. Segundo Helena Hirata (2014), a interseccionalidade é vista como uma das formas de combater as opressões múltiplas e imbricadas, portanto, como instrumento de luta política. É neste sentido que Patricia Hill Collins (2014), considera a interseccionalidade ao mesmo tempo um projeto do conhecimento e uma arma política, ela diz respeito às "condições sociais de produção de conhecimento". Em consonância, Danièle Kergoart (2012, p. 20) afirmou a "necessidade de pensar conjuntamente as dominações a fim de, justamente, não contribuir para sua reprodução."

As escritoras vivenciaram a migração e refúgio, desenvolvendo a escrita como estratégia e movimento de resistência, que favorece fortalecimento de mulheres

negras na mesma situação. Essas têm suas escritas, que favorecem a construção e a desconstrução afrodiáspora. Essas escritas descrevem a violência degradante do colonialismo e a cultura que deslegitima a autonomia.

As narrativas cruzam fronteiras e idiomas, fortalecendo mulheres, principalmente mulheres negras, ao redor do mundo, em uma conjuntura de crise econômica e de pandemia, levando a um pensamento reflexivo. Assim, o estudo perpassa em como se dá este processo de escrita, como é construída esta narrativa tão profunda, com caráter autobiográfico, às vezes com caráter de denúncia, trabalhando o diálogo entre a oralidade e a memória.

ESTUDOS AVANÇADOS EM HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO II

Durante o período que cursei a disciplina no doutorado, visualizei a importância da interdisciplinaridade com outras áreas do conhecimento, dentro das Ciências Sociais, na tentativa de chegar a uma história total. Compreender a importância da Escola dos Annales leva a uma visão que rompe com a historiografia tradicional e, assim, traz uma história menos ligada à narrativa de acontecimentos e mais ligada à análise das estruturas. Essa mudança de dinâmica, ocasionada pelo historiador Fernand Braudel, um dos mais importantes representantes. Essa interdisciplinaridade faz com que durante o processo de construção de pesquisa e escrita da minha tese, possa ter uma relação entre literatura, educação, economia e política internacional. As escritoras escolhidas e já citadas no artigo, em suas obras, estão sempre ressaltando o papel da educação na formação e na identidade, bem como na construção das obras literárias, como no *Fundo do Poço*, de Buchi Emecheta, *Americanah* e *No seu pescoço*, de Chimanda Ngozi Adichie e *A mulher de Pés Descalço*, de Scholastique Mukasonga.

A MIGRAÇÃO COMO INSTRUMENTO IMPORTANTE NA CONTINUAÇÃO DE EDUCAÇÃO E O CORPO NEGRO, COMO OBJETO DE EXCLUSÃO DESTE SISTEMA DE EDUCAÇÃO.

Segundo Nilma Limo Gomes (2003, p. 174):

O corpo localiza-se em um terreno social conflitivo, uma vez que é tocado pela esfera da subjetividade. Ao longo da história, o corpo se tornou um emblema étnico e sua manipulação tornou-se uma característica cultural marcante para diferentes povos. Ele é um símbolo explorado nas relações de poder e de dominação para classificar e hierarquizar grupos diferentes. O corpo é uma linguagem e a cultura escolheu algumas de suas partes como principais veículos de comunicação. O cabelo é uma delas. O cabelo é um dos elementos mais visíveis e destacados do corpo. Em todo e qualquer grupo étnico ele é tratado e manipulado, todavia a sua simbologia difere de cultura para cultura. Esse caráter universal e particular do cabelo atesta a sua importância como símbolo identitário. O entendimento da simbologia do corpo negro e dos sentidos da manipulação de suas diferentes partes, entre elas, o cabelo, pode ser um dos caminhos para a compreensão da identidade negra em nossa sociedade. Pode ser, também, um importante aspecto do trabalho com a questão racial na escola que passa despercebido pelos educadores e educadoras. Em torno da manipulação do corpo e do cabelo do negro existe uma vasta história. Uma história ancestral e uma memória.

Nas últimas décadas, escritoras africanas descrevem o que as mulheres vivenciam nos conflitos, as migrações forçadas e a fuga desta rotina de medo. A escritora Scholastique Mukasonga, descreve no livro *A mulher de pés descalços* os conflitos, guerras, as opressões de gênero e a limpeza étnica como estratégias de remoção e/ou eliminação de um determinado grupo, devido às inúmeras condições e manifestações de violência a que são submetidas.

Desta forma, verifica-se uma sociedade marcada por uma colonização, extremamente violenta e discriminatória, que fomentou divergências étnicas como tática para expropriação das riquezas, em favor da metrópole.

Segundo Godoy (2006, p. 64), com o intuito de colonizar e explorar de colonizar e explorar a África,

as nações europeias violaram todos os limites morais que normalmente regulariam o exercício do poder. Para Arendt a destruição do consentimento dos cidadãos se deu por meio de decisões administrativas encobertas e manipulações imperialistas da fragilidade dos princípios de direitos humanos para governar as relações e da instrumentalização do Estado-nação para ganância das classes burguesas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As escritas migrantes e escritas refugiadas descrevem o processo de deslocamentos migratórios no seu maior fluxo desde a Segunda Guerra Mundial. Escritoras africanas, de variadas nacionalidades, surgem na cena da literatura internacional, descrevendo com seus textos esta situação de vulnerabilidade e risco social. Essas escritas, que têm como pano de fundo a construção de uma sociedade sobre bases racistas e padrões de dominação masculina – produtora e reprodutora do machismo – emerge num processo de retrocesso ainda mais agudo, quando se estabelecem alianças políticas com líderes religiosos fundamentalistas, atuantes na política parlamentar nacional, recrudescendo as políticas sociais com a violação dos direitos humanos historicamente conquistados, sobretudo em relação aos setores mais atingidos pela discriminação e opressão.

Uma questão, em decorrência do exposto, merece ser problematizada em especial: Com a conservadora, como fica a questão da feminização das migrações e como se coloca o corpo desta mulher migrante ou refugiada? Como ocorre a integração de um grupo atravessado pelo racismo, gênero e estrangeiro, dentro de uma sociedade com uma grande desigualdade e cuja perspectiva de enfrentamento ainda pode ser considerada racista? Quais as redes de integração e mobilização e como

Escritas Migrantes e Escritas Refugiadas como formação e identidade de mulheres na diáspora

se dá o processo destas escritas que tem a feminização das migrações, nesta conjuntura atual?

Longe de responder de forma mecanicista às questões antes formuladas, sintetizamos algumas reflexões apresentadas no estudo:

1) O aumento da pobreza e o aprofundamento da desigualdade social contribui para a feminização da migração;

2) A feminização da pobreza é também a feminização da migração, uma vez que essas mulheres cruzam as fronteiras, literalmente, em busca de melhores oportunidades, como a formação educacional.

Nesse sentido, ressalta-se que a pesquisadora pretende avançar nos estudos em relação a gênero, raça, identidade, literatura e educação, debruçando-se sobre os marcos legais relacionados à condição desta mulher, investindo na proposta de traçar o seu perfil e de compreender a efetividade destas escritas como literatura e visibilidade para este público, como identidade e lugar de fala.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Polén, 2019.

ASSIS, G. O. **Mulheres migrantes no passado e no presente: Gênero, redes sociais e migração internacional**. Florianópolis: Revista Estudos Feministas, 2007.

ARENDT, H. **As origens do totalitarismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

BURKE, Peter. **A Escola dos Annales (1929 -1989): A revolução francesa da historiografia**. São Paulo: UNESP, 1991.

Rev. Caminhos da Educação: diálogos, culturas e diversidades, Teresina, v. 3, n. 2, p. 20-30, Mai./Ago. 2021

COLINS, Patricia Hill. **Intersectionality: a Knowledge Project for a decolonizing world?** Comunicação ao Colóquio Internacional Intersectionnalité et Colonialité: Debats contemporains, Université Paris Diderot, 2014.

GODOY, G. G. **O direito do outro e outro direito: cidadania, refúgio e seus avessos.** In: Cadernos de debates Refúgio, Migrações e Cidadania, V.10 n.1. Brasília: Instituto Migrações e Direitos Humanos, 2015.

GOMES, Nilma Lino. **Educação, identidade negra e formação de professores/as:** Um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo. Universidade Federal de Minas Gerais Educação e Pesquisa, São Paulo, v.29, n.1, p. 167-182, jan./jun. 2003.

HIRATA, Helena. **Dossiê - Trabalho e Gênero: Controvérsias.** TempoSoc 26(1). Jun 2014- Gênero, Classe e Raça interseccionalidade e consubstancialidade das relações sociais.

KERGOAT, Danièle. **Ouvriers = ouvrières? Propositions por une articulation por une articulation Théorique de deux variables: sexe et classe sociale.** Critique de l'Économie Politique, 5: 65- 97, nova série, 1978.

KOSMIMSKY, E. **Por uma etnografia feminista das migrações internacionais:** Dos estudos de aculturação para os estudos de gênero. Ver Estud Fem., v15, n3, p 773-804, 2007;

MILESI, R.; MARINUCCI, R. **Mulheres migrantes e refugiadas a serviço do desenvolvimento humano dos outros.** In: Cadernos de Debates Refugio, Migrações e Cidadania, V10, n.1 Brasília: Instituto Migrações e Direitos Humanos 2015.

Rev. Caminhos da Educação: diálogos, culturas e diversidades, Teresina, v. 3, n. 2, p. 20-30, Mai./Ago. 2021

Escritas Migrantes e Escritas Refugiadas como formação e identidade de mulheres na diáspora

MIRANDA, J. **Mulheres migrantes em Portugal**: Memórias, dificuldades de integração e projetos de vidas. Lisboa: ACIDI, 2009

RECEBIDO: 01/03/2021
APROVADO: 03/05/ 2021

RECEIVED: 01/03/2021
APPROVED: 03/05/ 2021

RECIBIDO: 01/03/ 2021
APROBADO: 03/05/ 2021